

Património, o tempo que muda o olhar

Isabel Fernandes (*)

Acabava de sair da segunda fornada da licenciatura em Património Cultural da Ualg. Curso terminado abria então caminho para uma nova etapa da vida, coração cheio de sonhos, projectos, novas ideias (e ideais) para um mundo melhor. Poderia ajudar a defender o precioso património cultural algarvio (!)...

Pronta a bater-me pelo legado histórico-cultural, a aplicar os meus parcos e novos conhecimentos... e, porque é saudável sonhar, foi então que decidi escrever um pequeno artigo no qual alertava que podíamos ajudar a salvaguardar a herança colectiva pela sensibilização das pessoas.

Desde então, olhando o que aprendi e consegui efectivamente concretizar, pergunto-me como pode o tempo alterar tanto a nossa perspectiva. A preocupação continua, mas a crença de que tudo pode mudar de um momento para o outro foi ultrapassada. Afinal a nossa prestação como técnicos do património, seria (e é) conhecer melhor, analisar, consciencializar e sensibilizar, tarefa árdua que apenas mostra resultados a longo prazo.

Mas nem tudo são combates, é necessário um olhar mais atento, talvez mais sensato e conhecedor, adequado ao contexto sociocultural e económico. Os anos passaram num ápice e é necessário um novo profissional, com entendimento pluridisciplinar, mais criativo e crítico, atento às constantes mutações e à evolução “natural”. Apesar do tempo decorrido e de se notar maior formação multidisciplinar, ainda constatamos tendências para o desconhecimento de elementos patrimoniais importantes e para alguma negligência.

Possuímos uma enorme diversidade de patrimónios, um legado cultural material mas também imaterial, que fortalecerá os núcleos identitários das nossas sociedades, como marcos da memória e vivências colectivas. A UNESCO estabeleceu na última década uma Convenção dedicada ao Património Imaterial e dezenas de Países estão a descobrir a riqueza única e a propor a classificação de expressões espirituais e artísticas como Património Cultural Imaterial da Humanidade, como aconteceu recentemente com o fado.

Os centros históricos ou os núcleos mais antigos das cidades dão cada vez mais mote para encontros de especialistas. A realidade urbana atual é corolário de dinâmicas contaminadoras como o envelhecimento e saída dos residentes mais antigos, conseqüentemente a perda da memória social dos lugares e a sobrevalorização do edificado e especulação imobiliária que resultam em fracturas no tecido social.

Apesar do reconhecimento geral quanto à situação dos núcleos antigos, a integração de jovens residentes é tarefa difícil tendo em conta entre outros o valor das rendas, factores que fomentam também discrepâncias socioculturais, etc.

As políticas de valorização e salvaguarda do património deveriam ser não apenas obrigação das entidades e agentes competentes, mas também de todos os cidadãos com estabelecimento de estratégias facilitadoras da manutenção da cidade em condições de autenticidade, tendo como principais critérios a flexibilidade de utilização, a integração do conjunto históricos na estrutura social da cidade favorecendo a conservação e a atracção. Também no mundo rural a melhoria e preservação da qualidade de vida e o auto-abastecimento alimentar conseguir-se-á potenciando recursos milenares, repovoando, permitindo novas vivências sociais, partilhando conhecimentos ancestrais com as constantes mutações socioculturais do nosso tempo .

Voltei a sonhar um pouco alto.

É fácil perder o sentido da realidade pensando que tudo mudará de um momento para o outro ...Mas sem conformismos continuo com o mesmo fascínio inicial, a mesma vontade e dedicação pela salvaguarda e valorização da nossa herança cultural.

(*) Técnica Superior de Património Cultural. Sócia da AGECAL